

COELHO NETTO EM CAMPINAS (*).

(1901-1904).

(Coelho Netto: "A bico de pena").
"A eternidade é um oceano sem praias".

Os elementos informativos, que aqui reunimos, servem apenas de subsídios históricos à biografia, que ainda não se escreveu, de Coelho Netto (1).

Portanto, pouco ou nada se oferecerá adiante para explicar o autor ou a sua obra, sem embargo, de mostrar-se uma rápida fase da sua atribulada vida, a qual deu à cidade de Campinas o ensejo de ser a sua hospedeira e de beneficiar-se com o seu trabalho e a sua inteligência, votados ambos a duas entidades, das quais os campineiros mais se enobrecem: o Colégio Estadual "Culto à Ciência" e o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Por outro lado, servirão, também, estas notas, para evocar o nome do escritor no amplo debate que o romancista Octávio de Faria e outros, suscitaram, ultimamente, ao reconduzir Coelho Netto à posição, que êle fôra ameaçado de perder em nossa literatura, com o advento do Modernismo.

*

(*) — Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 6-II-1960 (Nota da Redação).

(1). — Queremos referir-nos neste caso, evidentemente, a um estudo laborado com as bases científicas que hoje em dia se pretende dar à literatura. Portanto, um estudo de biografia crítica e de bio-bibliografia, como aqueles realizados por Lúcia Miguel Pereira em "A vida de Gonçalves Dias" e "Machado de Assis", Francisco de Assis Barbosa em "A Vida de Lima Barreto" ou José Maria Belo em "Retrato de Machado de Assis", para lembrarmos apenas alguns que nos ocorrem no momento, e que foram realizados dentro daquela perspectiva de isenção, que só o tempo torna possível. Uma vez conseguida uma biografia crítica desse tipo, e que esteja assente em trabalhos como aqueles escritos por Paulo Coelho Netto, e que constituem preciosos repositórios informativos da vida do escritor, teremos, então, realmente, debuxado o retrato, que ainda devemos a Coelho Netto.

O "AFFAIR" COELHO NETTO.

"Coelho Netto continua, no silêncio do seu túmulo, muito mais vivo do que os vivos, que se comprazem em passar-lhe atestado de óbito literário".

Josué Montelo.

Esta volta de Coelho Netto, ou antes, esta volta a Coelho Netto, no julgamento da crítica contemporânea, tem sido provocada por dois acontecimentos importantes: a realização da obra "A Literatura no Brasil", dirigida pelo prof. Afrânio Coutinho, e o lançamento, recente, da obra seleta do escritor, pela Editôra José Aguilar (2).

A nosso ver, não há propriamente um caso com o autor de "A Conquista", como pretendem muitos jornalistas, que espontaneamente ingressaram no debate sobre a sua obra, num afã de execrar a injustiça cometida pelo Modernismo para com o romancista, e agora justamente no momento em que o tema **Modernismo** volta à pauta pelo exaustivo levantamento e estudo que lhe dedicou o escritor Mário da Silva Brito (3).

Coelho Netto teve, em seu filho Paulo, um dos seus mais intrínsecos defensores. De fato, o autor de "Tormenta" foi vítima das mais injustas campanhas, que coincidiram, principalmente, com a eclosão do Modernismo. Assistindo a toda essa fase literária, o escritor Paulo Coelho Netto não conseguiu ficar impassível diante dos ataques e omissões, que visavam a seu pai. Agastado com tais manifestações, fez de sua obra um permanente arrazoado, sem ter, por outro lado, deixado de nos oferecer um precioso conjunto de observações pessoais, de documentários e informações bibliográficas, que agora serão básicos em muitos pontos, para os estudiosos que dentro de uma perspectiva de tempo, se entregarem, também, à recondução de Coelho Netto ao lugar que êle realmente merece em nossa literatura.

Antes até, como já o afirmamos, ainda carecemos, infelizmente, de uma análise profunda e de uma interpretação científica do homem e da obra, para podermos fincar a sua posição na literatura brasileira, a qual não decorreria apenas do acolhimento público dos seus textos, mas também do valor literário de muitos dos seus livros.

(2). — Coelho Netto "Obra Seleta", em três volumes (somente o primeiro foi publicado). Editôra José Aguilar Ltda. Rio de Janeiro, 1958.

(3). — Referimo-nos ao lançamento da obra de Mário da Silva Brito, *História do Modernismo Brasileiro (Antecedentes da Semana de Arte Nacional)*. 1.º volume. Edição Saraiva. São Paulo, 1958.

Quando, há três anos atrás (4), surgiu o **debate** em torno de Coelho Netto, formaram-se **partidos** contra e a favor do escritor, os quais, infelizmente, não se colocaram numa posição eqüidistante, para poder realizar-se a crítica de que necessitamos, e aliás não apenas para a obra de Coelho Netto, mas para o estudo, a interpretação, a compreensão e o julgamento de inúmeros nomes de nossas letras, como preconiza um dos nossos grandes teóricos da literatura (5).

Pela **política** literária que habitualmente se desenvolve entre nós, muitos autores ou são esquecidos, ou são sistematicamente negados, sem o estudo necessário, que deve anteceder todo julgamento.

A crítica, como ciência, entre nós, é na verdade pouco praticada, e o caso de Coelho Netto é peculiar, mesmo porque as páginas ou o que há sobre a sua obra em nossas **histórias gerais** da literatura ou ainda nas coletâneas de artigos de crítica, estão bem longe de dar uma suficiência de estudos desse escritor e de sua obra, que é tão vasta.

O que vem acontecendo chama-nos a atenção para o **tempo**, que é chegado, de uma **revisão** de Coelho Netto, isto é, um **fenômeno**, e este é o termo, comum e universal na literatura, chegando mesmo, muitas vezes, pela sua aparência de **recondução** ou de **redescoberta**, a ter periódicas intermitências, visando a retificar apressados juízos ou propositais omissões, no que, aliás, parece estar enquadrada, até certo ponto, a obra do autor de "Inverno em flor".

Assim, não se nos afigura apenas a necessidade de uma crítica conscienciosa dos seus trabalhos, mas também o estudo da **problemática** de sua situação na literatura brasileira, principalmente no período de **transição**, que ele e a sua obra atravessaram; e, ainda, a complementação ao seu levantamento biográfico, no que ele tem de humano e nas suas recíprocas influências com o meio e com as correntes literárias. E' bem verdade que, além dos estudos por nós apontados, já existem outros que não podem ser olvidados, como é o caso do sr. Octávio de Faria, que aponta em Coelho Netto um **retratista** de primeira do período em que viveu motivado talvez, como quer o crítico, no seu desêjo de chegar a escrever uma **História do Brasil**, o

(4). — A verdade é que, além dos trabalhos em geral polêmicos de Paulo Coelho Netto, há cerca de onze anos atrás a crítica já apontava uma **revisão** de Coelho Netto, a qual vinha se processando então (Conforme Tenístocles Linhares num artigo escrito em 1948 e inserto na coletânea "Interrogações", 1a. série. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1959, à página 31).

(5). — **Afrânio Coutinho**, "Da Crítica e da Nova Crítica". Editôra Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1957, à página 109.

que não se realizou, pois parece ter preferido o autor a retração da sociedade e dos costumes (6).

Entretanto, e há de decepcionar-vos a confissão, nem **aqui-lo** e quase tampouco **isto** realizamos, desde que as anotações aqui alinhavadas são mais fontes mínimas para a sua biografia.

Na verdade, pouco se conhece da estada de Coelho Netto em Campinas (7). A própria **Cronologia**, que o seu filho cuidadosamente enfileirou, registra, apenas, ao marginar os anos de sua chegada e de sua partida daquela cidade, o seguinte:

1901 — Embarque para Campinas, onde faz concurso para lente de Literatura no Ginásio local, sendo classificado em 1.º lugar; publicação de **Tormenta e Belas Artes**;

1904 — Regresso ao Rio: publicação de **Apólogos, A bico de pena, Contos pátrios e Pastoral** (8).

Essa ausência de informações sobre esse período da vida do escritor foi devida, principalmente, a um infausto acidente, ao qual Coelho Netto se refere no seu “Livro de Prata”, com as seguintes palavras:

“Uma grande rajada pôs a minha vida fora dos eixos durante meses. Em tal cataclismo, no qual colaborou o céu com tremenda chuva de pedras, tocada de ventania, que me arrasou a casa, destelhando-a e transformando-a em lago, no qual boiaram livros, retratos e outras reliquias, perdi muitas preciosidades do meu arquivo epistolar, entre elas cartas de Euclides da Cunha” (9).

Infelizmente, como se vê, devido a essa chuvarada, perdeu-se naquela cidade quase todo o arquivo do escritor, como recortes de jornais, documentos, etc. Quanto às cartas de Euclides, algumas foram recuperadas, como se depreende das pesquisas realizadas pelo sr. Francisco Venâncio Filho, e sobre as quais ainda haveremos de nos referir neste mesmo trabalho.

Aliás, nos próprios textos de subsídios biográficos do romancista, as alusões à sua permanência em Campinas, são muito poucas. Talvez, só mesmo o seu **Diário Íntimo**, cujo texto

(6). — *Octavio de Faria*, “Coelho Netto”. Coleção Nossos Clássicos. Editora Agir, à página 10.

(7). — Paulo Coelho Netto escreveu, também, no *Correio Popular* daquela cidade, edição de 9-12-1945, um bem informativo artigo sob o título “Coelho Netto em Campinas”, a cujo depoimento acrescentamos agora estas nossas pesquisas.

(8). — Essa edição da *Pastoral*, em 1904, a rigor, é uma segunda edição, desde que foi tirada antes, em Campinas, por iniciativa do Clube Livro Azul, uma plaqueta com o texto, figurantes e colaboradores de “A Pastoral”.

(9). — *Paulo Coelho Netto*, “Coelho Netto em Campinas”, artigo in “*Correio Popular de Campinas*”, edição de 9-12-1945.

desconhecemos, encerrasse revelações, muitas das quais poderiam ser confirmadas e até acrescidas de informações por parte de campineiros, que colaboraram na **Pastoral** ou freqüentaram as **reuniões** do escritor (10).

Foi, portanto, nosso desêjo, trazer a lume esta meia dúzia de comunicações, como contribuição aos futuros biógrafos de Coelho Netto, uma vez que ainda muito há para ser estudado em sua biografia.

E ao fazê-lo, não podemos deixar de agradecer a algumas pessoas, cuja atenção tornou possível as nossas pesquisas: à profa. Maria Luiza Pinto de Moura, bibliotecária do Centro de Ciências, pelas facilidades com que cercou o nosso manuseio das coleções de jornais antigos e livros raros do Centro, e pela cessão de um exemplar da **Pastoral**, que carinhosamente é conservado pela sua família, desde que pertenceu ao seu saudoso chefe, o dr. José Pinto de Moura, que foi uma das **crianças**, que integrou o elenco daquela representação; ao escritor Paulo Coelho Netto, que se prontificou em acrescentar preciosos informes ao nosso manuscrito, além de oferecer-nos as inúmeras obras que escreveu sobre o seu ilustre pai; ao prof. Carlos Francisco de Paula devemos, na parte histórica, cuidadosa revisão de nossos originais, além de inúmeros obséquios, o que também se dá com o sr. Cleso de Castro Mendes, que nos presenteou, inclusive, com dois preciosos autógrafos epistolares de Coelho Netto, que eram conservados no arquivo de seu saudoso pai, A. B. de Castro Mendes; ao prof. Norberto de Souza Pinto, que não só nos prestou informações, como nos confiou a raríssima foto de Coelho Netto, tirada em Campinas, e que faz parte de sua interessante coleção de fotografias antigas; ao senhor Jolumá Brito por nos ter aberto a sua biblioteca e ao prof. Francisco Ribeiro Sampaio pela cuidadosa revisão a que submeteu os originais.

*

A VINDA PARA CAMPINAS.

“...o tempo que ali vivi — e foram três anos! — passou tão rápido que hoje, se o recordo, tenho-o por um sonho feliz...”.

Coelho Netto.

Provavelmente em meados de 1901, desembarcava na **gare** da Estação da Paulista, em Campinas, um elegante forasteiro,

(10). — Depois de redigidas estas anotações, informou-nos o sr. Paulo Coelho Netto, atendendo a uma de nossas inúmeras consultas, que o “Diário Íntimo” do escritor, redigido no período de 1921 a 1930, nenhuma referência fazia a Campinas nos seus breves apontamentos.

senhor dos seus 37 anos, de **pince-nez**, sobraçando muitos livros (e não poderíamos imaginar o seu desembarque sem êles), dos quais vários traziam o seu próprio nome na lombada, como autor.

Coelho Netto **aprovejava** ali já possuidor de um nome literário nacional, com uma **bagagem**, onde avultavam títulos como os dos romances “Miragem”, “Inverno em Flor”, “O rajá de Pendjab”, “A Conquista”, além de várias novelas, contos, crônicas, narrativas, poemas, teatro, etc.

A sua vinda para Campinas devia afigurar-se-lhe como nova e interessante experiência. Havia abandonado duas carreiras (Medicina e Direito), que apenas ficaram na tentativa dos cursos universitários; possuía boa experiência jornalística, haurida nas campanhas abolicionista e republicana, e sobretudo propiciada pela proteção que lhe dera e pelo entusiasmo que lhe despertara José do Patrocínio; havia ainda ocupado lugar de relêvo na administração pública e passado rapidamente pelo magistério, pois ocupara o cargo de Lente de História das Artes na Escola Nacional de Belas Artes. Era, portanto, com êsse passado, que Coelho Netto se apresentava, juntamente com a sua família, perante a sociedade campineira.

Numa época, em que o Rio era convidativo, por vários motivos, que se consubstanciavam no **fin de siècle**, o escritor internava-se na província paulista, depois de sempre ter vivido nos grandes centros.

Razões fortes o teriam levado àquela decisão de abandonar o ambiente intelectual e jornalístico, no qual já estava integrado e era respeitado, deixando uma geração de amigos e as oportunidades da capital do país, para se meter numa cidade provinciana, que lhe era desconhecida, por mais simpatia que alguma eventual informação ou notícia de Campinas, lhe houvessem caído à atenção. Viera disposto a radicar-se definitivamente, e, se não o fêz, foi por motivos outros e não pelas picuinhas, que vez por outra lhe procuravam perturbar os trabalhos intelectuais e de magistério na “Princesa Doeste”. Realmente, um ou outro debique que sofreu pela imprensa, não chegou a lhe apagar a boa imagem, que guardou de Campinas e de sua gente, como êle próprio nos confessa ao dizer:

“...quando deixei o Rio, mudando-me para Campinas, resolvi implantar-me na cidade, radicando-me no seu solo, familiarizando-me com a sua gente e, tão bem o fiz, que o tempo que ali vivi — e foram três anos! — passou tão rápido que hoje, se o recordo, tenho-o por um sonho

feliz, dêsses que a gente lastima que se não cumpram e deseja readormecer para os continuar.

E foi assim que realizei o milagre de não sofrer no afastamento da cidade em que sempre vivi, onde, em tôdas as ruas, se as sombras se fixassem nas pedras, havia eu de encontrar o meu perfil ao sol.

Cidade em que fui infeliz e venturoso, meu Paraíso e meu Inferno, onde, um dia, revertendo ao que fui, se-rei terra caída, integrando-me mais na Pátria e acrescentando-lhe ao território o meu corpo.

Reunisse eu tôdas as reminiscências dos dias suaves que vivi no aconchêgo hospitaleiro de Campinas e faria um tomo de porte que seria, no seu contexto, um relicário" (11).

Vinha para Campinas, como outros muitos, atraído pela abertura dos concursos para diversas Cátedras do Ginásio local. Conta ainda seu filho que no ano anterior (1900) o pai chegou a interromper a sua colaboração para os jornais, devido a grave enfermidade. Estancada a fonte de renda, viu-se obrigado o escritor a vender, em leilão, os seus móveis, livros e cristais, e até mesmo uma coleção de material etnológico, que lhe sido oferecida no Pará, quando de sua apoteótica visita aos estados do Norte (12). Tantos dissabores o levaram, com a família, a aceitar o aceno do magistério campineiro.

À sua trabalhosa vida, mitigada pelo labor intelectual, o magistério deveria oferecer melhores oportunidades, mediante uma remuneração mais condigna (13).

O seu enclaustramento na província não seria para sempre, nem lhe iria cortar a carreira de escritor, como será fácil inferirmos da narração que vai adiante.

Desde logo foi-se integrando na vida social e intelectual de Campinas, onde não demorou a fazer amigos muitos e inimigos alguns.

*

(11). — Citado por Manuel Moreyra em sua obra "Coelho Netto" (Aspectos da sua vida e sua obra). Elvino Pocai Editor. São Paulo, 1940, à página 34. Esse trecho foi inserto no Preâmbulo do livro "Pastoral" — edição definitiva, lançado em 1923 por Lello & Irmão, do Pôrto, Portugal, à página 11.

(12). — *Paulo Coelho Netto*, "Imagem de uma vida".

(13). — Informou-nos o prof. Carlos F. da Paula, que Coelho Netto entrou para o Ginásio de Campinas, vencendo 500\$000 por mês.

CAMPINAS DE MIL E NOVECENTOS.

“Que seja assim, que em nada se pareça a Campinas de 1900 com a de 1870...”.

(Júlia Lopes de Almeida — “A Velha Campinas”).

Procuramos, a seguir, com os defeitos de uma forçada síntese, retratar a cidade de Campinas, que Coelho Netto encontrou no início do século.

Nesse sentido, fizemos uma ligeira informação retrospectiva, procurando principalmente ressaltar certas aparências e realidades sociais, com as quais o escritor iria **familiarizar-se**, segundo as suas próprias palavras.

Para laborarmos êsse **retrato** ou **planta** da cidade, procuramos interpretar ligeiramente os textos de anúncios, do noticiário dos jornais da época, dos dados estatísticos, que pesquisamos, além de têrmos, também, buscado a confirmação através de depoimentos orais de pessoas que chegaram a conviver com o romancista em aquela cidade.

Quem demorar os olhos sôbre a planta da cidade de Campinas em 1900, laborada pelo engenheiro Emílio Daufresne, da Câmara Municipal, irá notar que o trajeto das estradas Paulista e Mojiana confinava, praticamente, a cidade no seu centro urbano, escapando, entretanto, razoável dilatação dos bairros do Guanabara e Taquaral, e da Vila Industrial, enquanto Ponte Prêta e Bonfim se iniciavam ainda: Para os lados do Arraial dos Sousas, pouca coisa ou quase nenhuma havia além da rua Coronel Quirino, pois o Cambuí se limitava a um ângulo, próximo ao Ramal Férreo Campineiro, que divisava com o Bairro do Taquaral. Assim, o Liceu de Artes e Ofícios, o Bosque dos Jiquitibás, a Caixa Dágua (na Ponte Prêta), o Hipódromo, a Estação do Guanabara, constituíam os **pontos extremos da cidade**.

Ao principiar o século XX, ainda empenhada na recuperação dos danos que lhe promovera a febre amarela, os campineiros se achavam numa fase de autêntica revivescência, pois a dizimação da endemia não havia logrado arrefecer-lhes o ânimo construtor.

Possuindo grande número de colonos estrangeiros, os quais chegavam a exceder, em número, os nacionais, com cêrca de 300 fazendeiros de café no município, a cidade oferecia uma situação econômica relativamente fácil de consolidar-se, mercê principalmente da extensão dos trilhos das estradas de ferro Paulista e Mojiana, o que ensejou nas três últimas décadas do século passado um progresso realmente notável. Assim, constituem **sintomas** dessa fase da história de Campinas, a adoção do

telégrafo, a extensão das linhas telefônicas e a expansão de uma ainda incipiente indústria, que no caso surgia em função da lavoura, pois se constituía de maquinaria, implementos e instrumental agrícola, dos quais os cafeicultores tinham grande precisão.

A êsse progresso material, a terra campineira seguiu **pari-passu** nas suas manifestações culturais, com a fundação do Ginásio de Campinas (atual Colégio "Culto à Ciência", em 1896), do Colégio Internacional, dirigido pelos protestantes, do Liceu de Artes e Ofícios, fundado por Dom Nery, do Instituto Agrônomico e da multiplicação das publicações diárias e periódicas (14).

Nesse período, a cidade foi-se desfigurando no sentido de perder o seu ar que trescalava ainda o patriarcalismo cafeicultor, o qual já olhava com bons olhos o progresso que ia dando à **urbe** um pouco mais de vida e um pouco menos daquele ar senhorial que lhe vinha ainda das épocas faustosas dos minifúndios açucareiros. Durante a fase dêste último produto, a vida fôra realmente mais rural do que urbana, mas com o café, embora o latifúndio tivesse a sua primazia com uma razoável vida comunal, a chegada do imigrante em maior escala, e com êle do comércio e da indústria, acabou por arrastar para a cidade uma série de funções, que realmente lhe pertenciam.

Com o adensamento da população urbana veio a inauguração da iluminação a gás, da linha de bondes, tornou-se necessário o sistema de águas e esgotos, de cuja execução foi o grande fautor o saudoso engenheiro Sales Oliveira, expandiu-se a rede hospitalar, o comércio sofreu notável incremento, canalizou-se a agua potável, e a cidade foi-se apresentando mais atrante aos rorasteiros, desde que a obra de saneamento, apressada pelo surto da febre amarela, atacara com denôdo os jurubebais e paus, que ainda afeavam a **urbe**. Assim, praças ajardinadas iam contrastando com os antigos becos e quelhas, e as duas mais extensas se desmanchavam em novos bairros, como Guanabara, Vila Industrial, Bonfim, Taquaral, Ponte Preta, Cambuí, etc.

No início do século, o município devia ter cêrca de 70.000 habitantes, havendo no centro urbano perto de 4.200 prédios.

A cidade, impulsionada pelo café, entregara-se inteira àquela recuperação. A sua hegemonia na província torna-se uma realidade, desde que praticamente assume a direção dos desti-

(14). — Contava a cidade, no início do século, com três diários: "Diário de Campinas", "Correio de Campinas" e "Cidade de Campinas", além de vários periódicos: "Revista Contemporânea", "O Discípulo", "O Livro Azul", "A Campineza", "O Ginásio de Campinas", etc.

nos agrícolas de São Paulo, do que é prova a atuação do Centro dos Lavradores Paulistas, fundado a 26-3-1899, quando os barões campineiros resolveram unir as suas vozes em favor da lavoura paulista.

Ainda no tocante à cafeeicultura, é nesse mesmo período, que estamos estudando, isto é, o das três últimas décadas do século passado, que o governo resolve ampará-la de uma maneira racional e científica, mediante a criação da Estação Agronômica de Campinas (Instituto Agronômico), de cuja fundação e direção foi encarregado um químico austríaco, Francisco G. Daffert. Era essa a primeira iniciativa, em seu gênero, que se fazia no Brasil (15).

Recebia, assim, a lavoura, o amparo de experiências, análises, estudos, instruções e mesmo orientação e assistência, para o melhor aproveitamento das terras, a adubação, etc. O papel do futuro Instituto Agronômico seria desde logo muito importante para a lavoura paulista.

A sociedade, que aí vivia na época, foi aos poucos abandonando a sua condição hermética, democratizada pelo arrivismo violento dos imigrantes, que transbordaram rapidamente da **colônia** ou **vila** de casas da fazenda, para as ruas da cidade, imiscuindo-se democráticamente em tudo em que pudessem participar com pouco dinheiro, como nos bondes ou riques de patinação, etc. Aliás, para as diversões, possuía a população uma antiga associação, o Clube Semanal (1857), cuja finalidade precípua era a dança “que apaga o acanhamento e que avigora os belos instintos do coração”, atendendo, portanto, os pendores da mocidade campineira. A colônia portuguesa fundara a Sociedade Luís de Camões (1880), possuindo, também, prestígio, o Clube Campineiro (1891) e o Grémio Comercial (1889). A colônia alemã, numerosa e produtiva, criou várias entidades próprias, destinadas à ginástica infantil, canto, coral, ensino primário, etc.

Nesses clubes dançava-se, jogava-se e bebia-se, sobretudo **bebia-se**. A cidade possuía 14 fábricas (**sic!**) de cerveja, e o município 24, além de depósitos vários de bebidas, como cerveja, aguardente, vinho, etc., e uma fábrica de gelo.

Essa sociedade, que sabia trabalhar e divertir-se não se descurava, entretanto, da cultura. Nesse sentido, é principalmente na música, cumprindo velha tradição, que datava do início do século XIX, com Manuel José Gomes, o “Maneco Músico”,

(15). — A Estação Agronômica foi regulamentada pelo Decreto n.º 612, de 23 de outubro de 1891.

precursor do ensino instrumental e metódico em aquela cidade, e que mais tarde daria a Campinas uma projeção internacional através de seu filho Antônio Carlos Gomes (16), que a cidade se distingue das demais da província. No período que estamos tratando possuía a cidade, além de um quarteto de amadores e uma Orquestra (“Campineira”) dirigida na época pelo Maestro J. P. Santana Gomes, irmão de Carlos Gomes, cêrca de sete bandas de música, fundadas em diferentes ocasiões, sendo que duas delas eram compostas só de empregados de duas fazendas, a Banda da Fazenda Chapadão e a Banda da Fazenda Recreio. Essa tradição musical era muito viva na época pelos sucessos da cantora Maria Monteiro, falecida prematuramente, em Gênova, em 1897, um ano depois do desaparecimento de Carlos Gomes, que se tornou a maior glória da cidade. Por certo, que apenas êsses dois nomes justificavam sobejamente o culto campineiro à música, ao qual não bastava na época a presença de 13 professôres de música, bem como afinadores e concertadores de pianos, lojas de música e concertadores de instrumentos musicais em geral, cujo número foi sempre expressivo. Nesse culto, a mulher ocupava um lugar especial, pois chegava a haver sociedades musicais exclusivamente femininas, como o Clube Mozart (1884), que tinha por finalidade o estudo de autores clássicos e a difusão da música brasileira; tôda a sua diretoria e membros eram somente mulheres. Também à mulheres cabia o cultivo das artes plásticas, sendo freqüentes os anúncios que verificamos de exposições periódicas de artistas mulheres.

O aspecto da cidade em dia comum devia ser o de um razoável movimento nas ruas, pois 32 carros de praça serviam a população, além de outro tanto de veículos particulares (viatórias, *landaus*, *cupês*, etc.), bem como as inúmeras carroças cargueiros, carros de boi, etc., que vendiam a domicilio desde que-rozene e fósforo até carne verde e louças. Também os *troles* e *cabriolés* serviam aos fazendeiros, enquanto boa parte da população urbana se entregava à grande e democrática novidade, que eram os bondes puxados por parêlas do burros.

A praça Visconde de Indaiatuba (o velho Largo do Rosário), com os seus canteiros, os bancos de madeira, a fonte central e os seus belos postes, como se pode observar nas fotos da época (1895), o Passeio Público (1876) com o seu quiosque ao centro, tendo ainda o coreto de ferro, e cuja parte botânica fôra orientada pelo notável botânico Joaquim Corrêa de Mello, mas

(16). — Conforme José de Castro Mendes: “Artes” in Monografia Histórica do Município de Campinas. I.B.G.E. 1952.

no qual a princesa Isabel nada acharia de extraordinário (17), o Bosque dos Jiquitibás, de propriedade do sr. Francisco Bueno de Miranda (Bueninho), franqueado às famílias para visitação e piqueniques, que era uma espécie de “Bois de Boulogne” campineiro, como bem lembrou o historiador Yan de Almeida Prado, onde estivera em 1884 a Princesa Isabel e o Conde D’Eu, hóspedes que foram do Conde Três Rios (18), e outros logradouros atraíam as famílias e os mais desocupados para passarem horas de lazer e alegria.

O comércio se concentrava mais na rua 13 de maio, onde se podia entrar numa relojoaria para comprar óculos e “pinenez” ou numa casa de vinho, louças e vidros, onde também se comprava homeopatia e outros quejandos (sic!). O alto comércio era ligado à lavoura: Cia. Mc. Hardy, Lidgerwood Manufacturing C. Limited, Faber & Irmãos, Pedro A. Anderson e Antônio Corrêa de Lemos, além dos grandes compradores de café.

Havia na cidade duas casas de banho público.

Não obstante estivesse na moda a fotografia, e três fôssem os fotógrafos, inclusive dois estrangeiros, que fizeram nome: Nickelsen & Comp. e Sophian Niebler, as famílias campineiras não dispensavam os retratistas a óleo, aquarela ou a **crayon**, dos quais só na rua Dr. Quirino havia três.

Os retratos grandes, em molduras doiradas, deviam também ser muito apreciados, como o foram no II Império, pois os fotógrafos e retratistas timbravam em anunciar sua especialidade em **retratos de tamanho natural**.

Cêrca de 24 costureiras e modistas, quase tôdas localizadas nas ruas centrais, e portanto devendo ser estabelecidas, cuidavam da elegância da mulher campineira. Também são frequentes os anúncios de **madames**, que confeccionavam chapéus, “bilontras enfeitadas”, etc. As lojas anunciavam tecidos de algodão, linho, lã e sêda, importados diretamente das melhores casas de Paris. Os fabricantes de chapéus masculinos também eram em grande número.

*

(17). — *Ricardo Gumbleton Daunt*, “Diário da Princesa Isabel” (Excursão do Conde D’Eu à Província de São Paulo em 1884). Editôra Anhembi Ltda. São Paulo, 1957.

(18). — *Daunt*, *op. cit.*, pág. 19.

AS REUNIÕES NA CASA DE COELHO NETTO.

“A residência de Coelho Netto, pode-se dizer com verdade, constituiu-se um centro artístico de alto quilate”.
Leopoldo Amaral (“Campinas, recordações”).

Como vimos, não fôra difícil ao romancista com o renome que já possuía, e com a facilidade de convivência, que era comum no casal, integrar-se na sociedade um tanto fechada de Campinas.

A sua casa, situada à rua Francisco Glicério (n.º 57 ou 67?), tornou-se desde logo ponto de reunião de intelectuais e admiradores do escritor, que ali, inclusive, encontravam a atenciosa acolhida de dona Gaby (Maria Gabriela Coelho Netto), cujo carinho para com o espôso completava-se no desvêlo com que se voltava para aquelas reuniões.

Esse ambiente fôra sempre muito próprio da casa de Coelho Netto. Conta seu filho, do sucesso, que sempre cercara, na capital do país, as reuniões na **salinha** da rua Silveira Martins, quando novos e velhos literatos se reuniam em alegres tertúlias, e onde um dia todo trêmulo Afonso Arinos leu os seus primeiros contos regionalistas. Esse chegou a ser um dos mais famosos **salões** de arte do Rio.

Em Campinas, portanto, apenas se repetia aquela hospitalidade de **Tia Gaby**, cuja influência e colaboração na vida e na obra do escritor foi muitas vêzes decisiva. Algumas dessas reuniões em casa de Coelho Netto, chegavam até a receber denominações, como foi o caso do **Sarau de Estímulo**, que teve programa impresso e foi realizado em 13 de maio de 1902.

Nessa casa da rua Francisco Glicério, esteve um dia Olavo Bilac, que veio a Campinas especialmente para batizar um filho do escritor. Ali declamara o poeta de “O Caçador de Esmeraldas” versos de sua autoria.

Quando as tertúlias se foram tornando mais numerosas, quem passou a abrigá-las foi Castro Mendes, no Salão de Pianos da **Casa Livro Azul** (19).

Nesses saraus, que o casal Coelho Netto promovia, aliava-se sempre a música às letras, sendo os temas musicais explicados em textos redigidos pelo escritor.

Uma vez fundado o Centro de Ciências, em 1901, muitas das reuniões passaram a realizar-se sob o seu patrocínio, chegando a haver programas das mesmas, que foram impressos a duas

(19). — *Pelágio Lobo*, “O Centro de Ciências no Quinquagésimo Aniversário da sua fundação” in “Revista do Centro” n.º 58. Campinas. Dezembro de 1953.

côres, e os quais contavam com a juvenil colaboração de campineiros ainda hoje vivos. Eram as famosas **matinéés** do Centro.

*

O CONCURSO DO “CULTO A CIÊNCIA”.

Já vimos que Coelho Netto viera para Campinas atraído pelos concursos, que se abriram para o preenchimento das Cadeiras ainda vagas no Ginásio de Campinas, e cujo edital de encerramento das inscrições foi publicado a 12 de junho de 1901 (20).

A prova escrita do Concurso da 2a. Cadeira (Literatura) só seria iniciada dia 19 de julho, às 11 horas da manhã, sendo êsse atrazo devido à realização das provas para as outras cadeiras (21).

Os concursos do **Culto à Ciência** lograram atrair a atenção de toda a cidade, principalmente pelos nomes que disputavam as cadeiras vagas, isto é, cerca de 51 candidatos, desfrutando alguns de grande prestígio intelectual, como Coelho Netto, Basílio de Magalhães, Alberto Faria, Navarro de Andrade, Benedito Octávio, Batista Pereira e outros.

Para a Cadeira de Literatura, a segunda do Ginásio, estavam inscritos:

1. — Alberto Faria.
2. — Antônio da Rocha Batista Pereira.
3. — Henrique Maximiano Coelho Netto.

No dia 19, possivelmente na hora aprazada, foi dado início aos trabalhos da prova escrita, cujo ponto estava assim distribuído:

Parte teórica: Elementos estáticos da literatura brasileira.

Parte prática: Análise Literária da Eneida, livro VII, versos 689-703 (22).

A essa prova comparecem os três candidatos. Curioso, na verdade, o tema da prova teórica, que possivelmente previa os fatores de equilíbrio, que a nossa literatura pudesse oferecer na reação às influências externas ou no próprio roteiro, que vo-

- (20). — “A Cidade de Campinas” de 12 de junho de 1901. Esse mesmo Edital anunciava a abertura dos trabalhos do Concurso no dia 20 do mesmo mês. O curioso dessa publicação é que ela é datada de 5 de janeiro de 1902 (*sic!*).
- (21). — O edital que fixou o dia 19 de julho para o início das provas de Literatura foi publicado pela “A Cidade de Campinas”, edição de 13-7-1901, por ordem do dr. Jorge Miranda, então Diretor do Ginásio de Campinas.
- (22). — “A Cidade de Campinas”, edição de 20-7-1901.

luntária ou involuntariamente ela vinha cumprindo. Enfim, as interpretações podem ser várias, e infelizmente não sabemos qual foi a preferida por Coelho Netto.

Quanto à análise da Eneida, a tendência latinista ou o respeito a um texto clássico, é que deveriam justificar a escolha do mesmo, pois seria inconcebível um professor de literatura que não soubesse latim.

Essa primeira prova escrita era seguida da arguição recíproca entre os candidatos: primeiramente Alberto de Faria arguiu a Coelho Netto, e em seguida este foi o arguidor. A prova toda foi acompanhada por um atento auditório, que lotava completamente o recinto do Concurso, no edifício do Ginásio de Campinas.

A terceira prova prevista para o Concurso era a **oral**, isto é, uma Preleção, na qual supomos ter Coelho Netto levado vantagem pela sua prodigiosa memória, pela sua eloquência e capacidade de improvisar.

Cinco dias depois, a 24 de julho, era realizada a preleção sobre o seguinte ponto, que fôra na véspera sorteado:

“Síntese histórica das literaturas românicas, influência destas sobre a literatura portuguesa”.

O tempo de dissertação, para cada candidato, era de 60 minutos aproximadamente. Também esta prova tinha uma parte **Prática**, que equivaleria, a rigor, a outra prova. Para essa parte, o tema foi:

Bucólicas, Égloga IV v. 1 a 26, de Vergílio.

Um concurso, cujo rigor das bancas já era conhecido, e que por sua vez reunia nomes de grande projeção, nas letras nacionais, atrairia, como era natural, as atenções de toda a cidade, e quiçá do Estado. Antes da realização de cada prova já o recinto do Ginásio ficava repleto, notando-se, segundo os jornais da época, a numerosa presença de senhoritas e senhoras da melhor sociedade campineira.

A Comissão Examinadora da Cadeira de Literatura era presidida pelo Conselheiro Dr. Leôncio de Carvalho, e composta dos drs.: Antônio Rodrigues de Melo (fiscal do Governo), João Keating, Sílvio de Almeida e Eduardo Carlos Pereira, examinadores.

O que a Congregação do Ginásio de Campinas, e a própria cidade, devem ter lamentado, foram os vários incidentes ocorridos em diversas Cadeiras, que se submeteram ao Concurso.

O sabor do escândalo, que quase chega a prejudicar a realização das provas para a Cadeira de Literatura, deve ter dado muito pasto aos maldizentes de tôda a cidade.

O candidato Alberto de Faria era apontado como **favorito** da Banca, antes do concurso. Durante a realização das provas foi suspeitado qualquer fato anômalo, o que deu imediatamente ensejo à imprensa campineira inserir no dia 23 de julho, e portanto na véspera da realização da terceira prova, um telegrama assinado por Coelho Netto e Batista Pereira, e enviado ao Presidente do Estado, cujo texto estava vazado nos seguintes têrmos:

“No Concurso da Cadeira de Literatura do Ginásio desta cidade tem-se dado graves escândalos. Os pontos das provas já havidas favorecem o candidato prèviamente denunciado pela imprensa”.

Aliás, não conseguimos localizar na imprensa da ocasião a denúncia prévia de favoritismo, a que alude o telegrama. A verdade é que a referida publicação deve ter surtido o efeito de um petardo na cidade.

Os aborrecimentos da mesa julgadora e dos próprios candidatos não devem ter sido pequenos. Terminado o Concurso, a banca consignou na Ata do julgamento o seu protesto contra aquela **calúnia**. Talvez a desconfiança fôsse mais motivada pelo natural nervosismo dos candidatos. O fato é que, galhardamente, Coelho Netto venceu as provas, apesar dos pontos terem sido, supostamente acreditamos, **favoráveis** a outro candidato.

Pesquisando o jornal “A Cidade de Campinas”, a cuja redação parece nunca ter logrado simpatia o nome de Coelho Netto (23), não conseguimos encontrar a notícia de sua classificação. Entretanto, foi publicado o Decreto de 9 de agôsto de 1901, que o nomeava Catedrático de Literatura (24).

Às 11 horas do dia 17 de agôsto êle tomava posse solenemente do novo cargo, que conquistara após aquêle movimentado Concurso, tendo sido, na ocasião, saudado pelo dr. Abílio Alvaro Muller e pelo prof. César Bierrenbach. Coelho Netto discursou agradecendo

(23). — O jornal “A Cidade de Campinas”, a êsse tempo era dirigido por Paulo Lôbo, sendo Redator-Secretário A. Lôbo.

(24). — “A Cidade de Campinas”, edição de 10-8-1901.

“à sua boa estrêla ter vindo estabelecer a sua tenda de trabalho em aquella terra, onde encontrara aquêles dois elementos, que no dizer de Taine, se tornam imprescindíveis à existência: um meio físico exuberante e uma corporação científica illustre como o Ginásio de Campinas”.

Dias depois, saía na imprensa um apêlo assinado por **I. P.**, no qual se pedia que os candidatos da Cadeira de Literatura publicassem os seus trabalhos apresentados em Concurso (25). Os argumentos do signatário desejoso de ler as peças literárias, eram ponderáveis. Realmente, a publicação das teses de Basílio de Magalhães e Benedito Octávio por exemplo, que concorreram à Cadeira de História do Brasil, fôra feita, dando aos leitores da época a excelente oportunidade de conhecer e mesmo guardar aquêles estudos, e a nós leitores de hoje o grato ensejo de conhecer, inclusive as predileções, com que já se marcava naqueles tempos o autor de “Expansão Geográfica do Brasil Colonial” (26), como, também, por outro lado, a desenvoltura do conhecimento e da pena do biógrafo de Carlos Gomes.

O concurso prestado por Coelho Netto para o Ginásio de Campinas, trouxe, com a sua vitória, novas perspectivas para a vida do escritor. Iria, agora, lecionar para os campineiros, e portanto, a sua integração na sociedade local, era caso líquido. Deve ter festejado com a espôsa, os filhos e amigos, o término feliz do acidentado concurso.

Anos mais tarde, ainda haveria de lhe valer o Concurso em apreço, pois êste foi um dos motivos mais ponderáveis arrogados pela Congregação do Ginásio Nacional (D. Pedro II), quando resolveu aceitar a nomeação do escritor, sem concurso, para lente da Cadeira de Literatura do Externato daquele estabelecimento, num Parecer datado de 27-3-1909, a assinado, entre outros, pelos professôres Sylvio Romero, Paulo de Frontin, João Ribeiro e Capistrano de Abreu.

Com o resultado do Concurso, restava a Coelho Netto entregar-se ao magistério, ao mesmo tempo que deveria cuidar da necessária formação do meio intelectual, que precisaria para o seu convívio, e principalmente para dar vazão à sua extraordinária capacidade de produção.

(25). — *Idem, idem*, edição de 17-8-1901.

(26). — Seria o mesmo assunto aproveitado pelo prof. Basílio de Magalhães, em 1915 (no I Congresso de História Nacional), quando apresentou a monografia “Expansão Geográfica do Brasil até fins do século XVII”, que daria mais tarde ensejo à laboração do seu valioso estudo sôbre o bandeirantismo.

Ao seu inquieto espírito, à insinuante presença, e ao aconchego de sua casa, foram logo chegando, um a um, os elementos necessários à formação de um centro de estudos e debates. A figura notável de César Bierrenbach, tribuno, professor e poeta de nomeada, completou e levou avante as idéias daquele grupo, que iriam concretizar-se no Centro de Ciências, Letras e Artes, um patrimônio da tradição da inteligência campineira.

*

COELHO NETTO E O CENTRO DE CIÊNCIAS.

"Campinas, cidade formosa e amena, onde colhi um trovo de ventura, do qual me tomaste uma das fôlhas, que pena eu tenho de não poder gravar em estrofes perenes todo o bem que te devo e a grande saudade que de ti conservo no mais íntimo do coração!"

(Coelho Netto: "Introdução" ao livro "Pastoral". 1921).

Conta o prof. Carlos Francisco de Paula, em sua excelente "Monografia Histórica do Centro de Ciências de Campinas", inserta em o número especial que a Revista daquele sodalício dedicou ao seu Cinquentenário, e do qual tivemos a honra de ser redator, que das reuniões dos **homens de ciência**, que constituíam, em 1901, o **Instituto Agrônomo**, denominação atual da antiga Estação Agrônoma de Campinas (1887), com os professores do **Ginásio de Campinas** (hoje Colégio Estadual "Culto à Ciência"), aos quais se juntaram ainda outros nomes ilustres de profissionais liberais da cidade, é que resultou a fundação do Centro de Ciências, em 31-10-1901.

Coelho Netto integrava, desde agosto daquele ano, como já tivemos oportunidade de verificar, o grupo desses professores do Ginásio, que muitas vezes se reuniam no antigo **Largo do Rosário**, debaixo dos seus frondosos alecrins, por onde passeavam e conversavam aquêles idealistas.

A 25 de setembro de 1901, na casa do engenheiro Edmundo Krug, um dos entusiastas da idéia, reuniam-se aquêles amigos para o planejar de um clube cultural.

A essa reunião, Coelho Netto esteve ausente, o que, entretanto, não aconteceria na segunda Assembléia Geral, realizada a 19 de outubro, quando, então, foi aprovada uma proposta do escritor, para modificação do nome da agremiação de "Grêmio de Ciências e Letras", para "Centro de Ciências, Letras e Artes", incluindo, portanto, a previsão das atividades artísticas, numa denominação, que foi consagrada e até hoje permanece.

Nessa mesma Assembléia foi nomeada uma Comissão, integrada por César Bierrenbach, Angelo Simões e Coelho Netto, para cuidar da redação definitiva do projeto estatutário, que ainda passou pelo crivo de uma terceira Assembléia, realizada a 24 de outubro, para ser finalmente aprovado na famosa sessão de 31 de outubro de 1901, então, a quarta Assembléia, considerada a de fundação do Centro de Ciências, e realizada no Clube Campineiro.

A essa reunião estiveram presentes 33 interessados, que elegeram a primeira diretoria, na qual coube a Coelho Netto o cargo de Orador. A Ata dessa reunião foi lavrada por César Bierrenbach, tendo sido consignados 31 votos para Coelho Netto, no cargo de Orador, tendo ainda Alvaro Miller e João Cardoso um voto cada. Como se vê o escritor não contou com a absoluta maioria, pelo seu voto naturalmente e de um outro consócio.

A participação efetiva de Coelho Netto não se fêz esperar. Na mesma e solene Assembléia, logo após a posse da primeira Diretoria, levanta-se o orador e propõe que se inserisse em Ata um voto de Congratulação para com Santos Dumont, e que ao grande aeronauta patricio fôsse ainda enviada uma **Mensagem** de saudações pelos seus feitos, que tanto enobreciam o Brasil.

Como bem lembra o prof. Carlos de Paula, na Monografia já referida, foi essa a primeira manifestação cultural do Centro. Essa Mensagem, por decisão da própria Assembléia, foi redigida pelo mesmo Coelho Netto (27).

No cargo de Orador, Coelho Netto permaneceu apenas na gestão da primeira Diretoria (1901).

Visando distribuir tarefas e entrar imediatamente na ordem prática dos seus projetos, a Diretoria do Centro cuidou, já na primeira sessão ordinária, realizada a 9 de novembro de 1901, de designar diversas Comissões auxiliares, tendo sido para a de **Letras e Artes** indicados Coelho Netto, Campos Novais e Antônio Raffin.

Pelas Atas, que eram sucintas, não nos foi possível saber, em nossas leituras, se Coelho Netto esteve presente a essa primeira reunião ordinária. Entretanto, já na segunda reunião, a de 16 de novembro de 1901, na segunda parte da **Ordem do Dia**, sob o silêncio dos presentes, o escritor lê a **Mensagem**, de cuja

(27). — Em 18 de setembro de 1903, Santos Dumont viria a Campinas, para o lançamento da primeira pedra do monumento a Carlos Gomes. No almoço que o barão de Atáliba Nogueira ofereceu em sua homenagem, ao *champagne* foi Coelho Netto, quem o saudou, além de ter, também, falado no Clube Campineiro, onde o grande aeronauta recebeu uma de suas inúmeras recepções.

redação fôra cometido, e que o Centro dirigiria, por intermédio do nosso Ministro em Paris, a Santos Dumont. Aliás, antes dessa leitura, o orador se referiu, com veemência, à campanha injusta, que Augusto Severo fazia, naquela época, contra o grande aeronauta.

Na terceira reunião, realizada uma semana depois, em 23-11-1901, o diretor dr. Angelo Simões pede a palavra, para protestar, indignado, contra a campanha que o jornal "A Cidade de Campinas", vinha movendo contra o Centro de Ciências, e especialmente visando à pessoa de Coelho Netto.

O escritor, de imediato, toma a palavra, conclamando os consócios, que se unissem em volta do Centro, prestigiando-o em tudo, sem, entretanto, responder àquêles ataques. Isso era próprio do escritor, não responder aos ataques injustos, como era aquêle que agora se movia contra o Centro.

Os acometimentos daquele jornal vinham sendo freqüentes e prosseguiram durante razoável espaço de tempo. Eram, em geral sueltos, cartas abertas ou artigos em sessões habituais do jornal. Vinham assinados, ora pelos próprios autores, ora sob pseudônimos como **Raio X**, **Bráulio Moreno**, **Al Dimas**, etc.

Visavam, sobremaneira, ridicularizar o Centro e os seus membros, e com êsse intuito buscavam motivo nas iniciativas e palestras realizadas em sessões do sodalício (28).

As cutiladas daqueles jornalistas campineiros não eram as primeiras nem seriam as últimas, das quais seria vítima o escritor, doestos das mais diferentes procedências, que o acompanharam pela velhice fora, não lhe poupando nem a memória, após a morte.

A 7 de dezembro de 1901, reunia-se, pela quinta vez, a Diretoria do Centro. Como se vê a sua **produtividade** e o afã de algo realizar era a preocupação de todos. A 2 de fevereiro do ano que se aproximava, o mundo todo comemoraria o Centenário Natalício de Victor Hugo, e assim Coelho Netto propõe que o Centro assinale essa festividade, o que é aprovado por unanimidade.

Devido aos seus estudos e trabalhos no Colégio Campineiro (**sic!**) o escritor, ainda nessa mesma reunião, escusava-se por não atender ao debate de uma tese, para o qual estava inscrito, na discussão, que habitualmente a diretoria promovia, sôbre temas científicos e literários. Aliás, nessas sessões do Centro, os primeiros temas predominavam flagrantemente sôbre os se-

(28). — Vide, nesse sentido, o jornal "A Cidade de Campinas", edições dos dias 10, 12, 14, 19, 23, 27 e 28 de novembro de 1901, e também a de 1.º de dezembro do mesmo ano.

gundos, talvez pela falta de tempo de César Bierrenbach e Coelho Netto, absorvidos nos trabalhos de magistério, e por isso sem poder preparar ou discutir trabalhos literários.

Também a presença de inúmeros engenheiros do Instituto Agrônômico, de professores de ciências do Ginásio, e de médicos da cidade, seria responsável pela freqüência no trato dos temas científicos, em detrimento dos literários, e em cujo debate Coelho Netto poucas vêzes tomou parte, e quando o fêz, foi mais para orientar a ordem dos trabalhos, através de sugestões.

Essas reuniões eram, com assiduidade, acaloradíssimas, e não poucas vêzes os seus diretores chegavam a pedir demissão, após os debates, o que, em geral, era **unânimemente negado**.

Ainda naquele primeiro ano de intensa atividade seria realizada mais uma reunião, a de 21 de dezembro de 1901, na qual Coelho Netto não pôde comparecer, tendo mandado, através do dr. Ângelo Simões, proposição para que fôsem nomeadas várias Comissões, para cuidar dos festejos do Centenário de Victor Hugo.

A 15 de fevereiro de 1902, Coelho Netto chegaria, por ausência do Presidente e dos diretores imediatos, a presidir à reunião do Centro, nesse dia realizada.

A primeira sessão solene do Centro abriria o seu novo ano cultural, a 26 de fevereiro de 1902, em o salão nobre do Clube Campineiro, quando, designado pela Diretoria, Coelho Netto proferiria uma conferência sobre Victor Hugo, arrebatando o auditório durante uma hora.

Esse segundo ano da permanência do escritor em Campinas foi pleno de atividades, evidenciando a grande atenção do autor de "A Pastoral", pelo Centro de Ciências, com o qual vinha colaborando desde a sua fundação.

A sua dedicação era dinâmica no sentido de fazer do Centro, desde logo, uma **Casa de Cultura** a serviço da gente campineira, e não uma **Academia** fechada, para a incensação recíproca de uns seus poucos membros.

Foi sua uma proposta de ordem prática de grande significação para a trajetória futura do Centro, e cuja amplitude e penetração se tornaram, com o correr do tempo, uma das mais elogiáveis finalidades daquela entidade. Tratava-se da sugestão, que o escritor fizera na reunião de 1.º de março de 1902, para que o Centro cogitasse de dar aulas gratuitas de matérias como: desêno linear, teoria musical, noções de arquitetura, canto coral, estética, dicção e rudimentos da história das artes. Pretendia, portanto, o escritor, não apenas a formação de um

núcleo, que atendesse um mínimo de intelectualidade, dando ensejo a que talentos como o seu encontrassem campo para os seus vãos, mas, também, a proposta indicava que o Centro devia semear para o futuro, preparando as gerações mais jovens e os que se interessassem em aprender, sem possuir recursos para tal, numa cidade provinciana, em que as dificuldades deviam ser inúmeras.

Essa prática de aulas, iniciada por sugestão de Coelho Netto, é hoje comuníssima no Centro, e graças ao desvêlo com que um grupo de ilustres professôres se prestam graciosamente a colaborar com a **Casa de César Bierrenbach** em sua missão educativa, freqüentam, diàriamente e gratuitamente as aulas do Centro, um número de alunos que dá uma média anual de mais de mil.

A proposta de Coelho Netto foi acolhida com todos os aplausos da Diretoria, tendo a Comissão incumbida de exarar o **Parecer** sôbre a mesma, ventilado em seus **Considerandos**, a possibilidade da futura criação de uma Escola de Belas Artes, estimulada pelas referidas aulas, muito embora a proposta do escritor não estivesse prevista nos Estatutos daquela casa.

Nessas reuniões, a redação dos officios e memoriais mais importantes, em geral, sempre ficava a cargo de Coelho Netto.

No ano de 1902, que se abria tão promissor na nova fase da vida do escritor, reservava-se, não obstante, triste acontecimento: o falecimento de uma sua filha, que ocorreria a 22 de março, pelo qual foi consignado o pesar do Centro na Ata da 20a. Sessão, nesse dia realizada, o que foi proposto pelo dr. Angelo Simões.

O passamento da filha abate o escritor, que, entretanto, se vai recuperando nos afazeres do magistério e em sua dedicação ao Centro, que encontra nele, em êsse período, um dos sócios mais entusiastas.

A uma sessão solene, na qual compareceu o dr. Lauro Sodré, Presidente do Estado do Pará, que a Campinas viera para visitar o túmulo de Carlos Gomes, Coelho Netto, após o saudar, profere uma palestra sôbre os livros "Canaã", de Graça Aranha e "Os Sertões", de Euclides da Cunha.

Em 1903 continuaria, embora menos intensa, a colaboração do escritor com o Centro, tendo chegado, por indicação da Diretoria (82a. Sessão, de 18-7-1903) a fazer parte de uma Comissão Julgadora, juntamente com Henrique de Barcelos e Amálio da Silva, para um Concurso de Contos em prosa. realizado pela "Comarca", de Moji Mirim.

A REVISTA DO CENTRO.

Após quase um ano de atividades, os sócios do Centro sentiam-se dispostos a projetar a entidade entre as suas congêneres, através do lançamento de um periódico de cultura, que, aliás, estava destinado a marcar a sua presença de maneira indelével na intelectualidade do país (29).

E' de crer-se que a demora do sodalício em abalancar-se a tal empreendimento, foi causada pelas despesas que uma publicação acarretaria, e as quais a entidade não poderia atender, como de fato não o pôde já no primeiro número da Revista, que foi lançado às expensas de Campos Novais, co-fundador juntamente com César Bierrenbach, e com êste também um dos maiores esteios do Centro.

Uma Revista, como a que se pretendia lançar no Centro, num meio acanhado como o de Campinas, sem verbas e auxílios, com um padrão cultural que ombreava com as melhores publicações do país, como ela vai ser pelo menos num lapso de tempo bastante dilatado, requeria não apenas uma **equipe** de bons colaboradores e auxiliares, mas, também, uma chefia de redação experiente e com um cabedal jornalístico e literário que a habilitasse a tarefa tão importante. A escolha para os cargos de Redatores, como era natural, recaiu sôbre a pessoa de Coelho Netto, juntamente com Henrique de Barcellos e Leopoldo Amaral, que compunham a **Comissão da Revista**.

Em setembro de 1902, saía o primeiro número da Revista do Centro, tendo sido o mesmo impresso na Tipografia a Vapor da Casa Livro Azul, de propriedade de A. B. de Castro Mendes, grande amigo e admirador da família de Coelho Netto, que integrava a firma Castro Mendes & Irmão.

Nesse primeiro número, aparece, também, na Comissão de Letras e Artes, o nome de Henrique Maximiano Coelho Netto, membro da Academia Brasileira de Letras e Catedrático de Literatura no Ginásio de Campinas.

E' de supor-se que o **Artigo** de apresentação da Revista tenha sido redigido por Coelho Netto. O certo, porém, é que nesse primeiro número é inserta a **Mensagem** de saudação a Santos Dumont, a que já nos referimos, e à qual o seu autor colocou um subtítulo, com o elogio:

“Intrépido e perseverante patriota”.

(29). — José Roberto do Amaral Lapa. “A Saudosa Revista do Centro de Ciências de Campinas”, in “O Estado de São Paulo”, edição de 13-VII-1952.

A contribuição de Coelho Netto, na Revista do Centro, passa a ser permanente.

No segundo número da Revista, Coelho Netto comparece com um suelto intitulado "Terra de Degrêdo", o qual versa sôbre a língua portuguesa.

O terceiro número vem aberto com um **Apêlo** do escritor, no sentido de reunir-se a obra esparsa de Adelino Fontoura. Essa solicitação do autor de "Ao correr da pena" é logo atendida, pois já nos números seguintes da Revista, êle vai dando a lume vários versos, que estavam esparsos, e que leitores atentos e atenciosos, resolveram remeter-lhe, para a sua coletânea. Até por volta de 1904, conforme se pode verificar nas velhas Atas das reuniões do Centro e em exemplares de sua Revista, que pelo menos até o sétimo número, continuam a ser publicados versos de Adelino Fontoura, o apêlo foi atendido, e Coelho Netto foi organizando e comentando a publicação daqueles inéditos do vate maranhense.

Como **Redator** da Revista, Coelho Netto permaneceu de 31 de março a 31 de dezembro de 1902.

*

A "PASTORAL".

Coelho Netto, que já estreara no teatro antes de ir para Campinas, fôra convidado a redigir um texto para ser especialmente levado à cena na noite do dia de Natal, em 1903, por iniciativa do Clube Livro Azul, em casa de cujo Presidente seria originalmente representada.

Em meio de grande expectativa o escritor desincumbiu-se da difícil tarefa, em apenas dois dias, e com todo êxito a peça foi encenada no Teatro São Carlos, seguindo-se a essa primeira representação, mais outras duas, graças ao sucesso da estréia, que pela aceitação e afluência do público não pôde ser realizada na casa de Castro Mendes (30).

A um Prólogo e aos três episódios, que se seguiam ao mesmo, foi dado o nome de **Pastoral**, que compreendia uma parte em versos e outra em prosa.

Com cenários, guarda-roupa e música especiais, o espetáculo coroou-se de integral sucesso, perdurando a sua lembrança co-

(30). — Os ensaios de "A Pastoral" eram feitos na sala de Castro Mendes, perante numerosa assistência. No dia da representação (25-12-1903), segundo Leopoldo Amaral, o Teatro São Carlos foi iluminado a luz elétrica, graças a uma pequena usina geradora ali instalada especialmente pela Casa Livro Azul.

mo uma das noites mais lindas de teatro, a que a cidade assistiu, lembrança essa que passou de geração para geração, e ainda hoje é evocada.

A **música** era dos compositores brasileiros Santana Gomes (irmão de Carlos Gomes) para o Primeiro Ato, Henrique Oswald e Francisco Braga para o Segundo Ato e Alberto Nepomuceno para o Terceiro Ato.

Entre os **personagens**, contavam-se numerosas senhoras e cavalheiros da melhor sociedade campineira. Figurava, como Regente, o maestro Olegário Ribeiro, tendo, entretanto, nas duas primeiras noites Francisco Braga e Alberto Nepomuceno ido especialmente a Campinas, para essa regência.

Foram ensaiadores de coros (das senhoras) o sr. Jorge Klier e (dos homens) o prof. Theodoro Ihan (31). O **ponto** do poema seria feito pelo poeta Benedito Otávio e o **ponto** da música foi o sr. Jorge Klier. No **côro** de senhoras figurava dona Gaby Coelho Netto. Entre as **crianças** havia nomes, que hoje pertencem a distintas senhoras e cidadãos da sociedade da terra de Camps Sales. Os cenários do 2.º e 3.º quadros foram desenhados, respectivamente, por Henrique Bernardelli e Julião Machado, e o do 1.º quadro coube a Alfredo Norfini (32).

Os figurinos para as personagens foram oferecidos por Rodolfo e Henrique Bernardelli, Aurélio de Figueiredo e Alfredo Norfini.

A "Pastoral", cuja montagem em Campinas foi luxuosíssima, segundo confissão do próprio autor, chegou, mais tarde, a ser representada no Rio e em Lisboa.

Ainda em Campinas, mais tarde, duas peças de sua autoria seriam levadas à cena: "Os Raios X" e "As estações" (33), a primeira já fôra levada à cena a 20-9-1897, no Cassino Fluminense, no Rio.

*

COELHO NETTO E EUCLIDES, EM CAMPINAS.

A amizade entre Coelho Netto e Euclides da Cunha foi grande e duradoura.

Conheceram-se em Campinas, em circunstâncias pitorescas, tendo logo nos seus primeiros contactos havido um interessante incidente, que quase distanciou o autor de "A Margem da História", ressentido e desconfiado como era principalmente com as novas amizades.

(31). — O corpo de coros pertencia à sociedade alemã Eintracht.

(32). — Paulo Coelho Netto, "Imagem de Uma Vida", Editor, Borsoi, Rio de Janeiro, 1957 (pág. 19).

(33). — *Idem, idem*, pág. 20.

Foi testemunha da palestra do primeiro encôntro, o dr. Sousa Brito, que fôra profícuo diretor do Centro de Ciências, mas que na ocasião tinha sido “chamado às pressas” à casa de Coelho Netto, para dar conta do que, em meio de tôdas as apreensões e expectativas, terminaria no dia seguinte com o nascimento de um robusto menino, filho do escritor, e cujos prenúncios no dia da visita de Euclides, deixaram a ambos um tanto contrafeitos, à procura de assunto...

Na manhã do dia seguinte, Euclides voltaria à sua casa, para saber a grande notícia. Mas, vejamos como Coelho Netto descreve êsse segundo encôntro, no seu “Livro de Prata”:

“Na manhã seguinte, cêdo, batia-me à porta. Eu mesmo o recebi, insistindo com êle para que entrasse. Era a hora do café. Recusou.

— Não. Vim apenas pedir notícias. E então?

— Um menino.

— Ainda bem.

Estendeu-me a mão, felicitando-me:

— Sempre é melhor. Um homem arranja-se de qualquer modo. Vai por si mesmo, não é verdade? E conserva o nome, acrescentou entonado.

E, com alegre sorriso:

— Êsse cavalheiro tem obrigação de me querer bem, porque entramos no mesmo dia nesta casa. Parabéns!”
(34).

No terceiro encôntro, ainda em Campinas, do romancista com o autor de “Os Sertões”, (os quais, por sinal, ainda estavam em manuscrito, e justamente o escritor os levará para colhêr, mediante, alguma leitura, as impressões de Coelho Netto), um incidente atrapalhou sèriamente o bate-papo. Euclides viera trazido por César Bierrenbach, que era grande amigo de ambos (35).

Mas, passemos, novamente, a palavra a Coelho Netto, que registrou o encôntro numa página saborosa:

(34). — Essa visita se deu em 31 de outubro de 1902. A *déjà-vrance* foi no dia seguinte, tendo o menino recebido o nome de Paulo. Êsse filho se tornou escritor, como o pai. Hoje em dia, a bagagem literária de Paulo Coelho Netto possui numerosos títulos. Vários autores mencionam a data do encôntro dos escritores como 1.º de novembro de 1902, o que realmente não se deu. Foram padrinhos dêsse segundo filho Paulo, no registro civil, e de batismo, o médico Ângelo Simões e o professor César Bierrenbach, grandes amigos do escritor e seus companheiros na fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes. Êsse batizado se deu na matriz de Santa Cruz, conforme nos relata hoje o próprio Paulo. Se não nos enganamos o casal Coelho Netto já tivera antes outro filho Paulo, desaparecido com poucos meses de vida. Dêste foi padrinho Olavo Bilac, que fôra àquela cidade paulista, especialmente para o acontecimento.

(35). — Êsses fatos são relatados por Coelho Netto nos discursos que reuniu em 1928, no volume intitulado “Livro de Prata”.

“Abri-lhe os braços como a velho amigo, sentei-me na rêde, ofereci-lhe a minha cadeira de trabalho e entabolamos conversa. Em dado momento, porém, como de hábito, levantei-me para apanhar na mesa de trabalho o pote de fumo.

Tornando à rêde achei Euclides de pé, sombrio e, logo, estendendo-me a mão, disse ríspido em tom soturno:
— Adeus!

Estranhando tão insólita mudança, olhei-o aturdido, olhei Bierrembach e, intrigado, perguntei:

— Que há?

— Nada. Preciso sair. São horas de trabalho. Voltarei outra vez.

Adeus.

— Mas não veio para ler-me umas páginas?...

— Sim... depois. Outra vez.

Insisti, roguei. Tudo em vão. E foi-se hirto, cabeça alta, batendo fortemente os tacões. Dei d'ombros. E, encostado à mesa, enrolava vagarosa, preocupadamente um cigarro, quando ouvi uma casquinada fora. Era o riso estardalhante de Bierrenbach.

Cheguei à janela. Lá iam os dois: Bierrenbach, parando de passo em passo, dobrando-se esgargalhadamente; êle infletido, pisando duro, com o rôlo debaixo do braço. Uma hora depois o ardoroso tribuno reapareceu e, entrando de esfusiote na minha sala, deixou-se cair na rêde a rir, rir em desbordo, até às lágrimas.

— Que é? perguntei desconfiado.

— Não imagina! Sabe por que êle se foi naquele repente?

— ?

— Por causa do pote de fumo.

— Do pote de fumo?!...

— Sim. Convenceram-no em São Paulo (algum trocista) de que você, quando se quer livrar de importunos, vale-se dêsse pote. Toma-o, põe-se a fazer infundavelmente um cigarro...

— Eu! Ora essa! Que idéia!

— E' verdade! Parece incrível que um homem como Euclides caia em esparrelas tais. Pois, meu amigo, saiu feroz e não houve convencê-lo...

“Que sim! Que você o despedira com o pote. E atirou a culpa para cima de mim, porque o obriguei a trazer tamanha maçagada de originais.

“Pois de certo... O homem tem razão. Entrar-lhe um canhestro, como eu, pela casa a dentro com um bacamar-te dêstes debaixo do braço... Agarrou-se ao pote. Fêz muito bem. Eu faria o mesmo”.

— E agora! exclamei desolado.

— Agora... Deixei-o mais calmo. Escreva-lhe você umas linhas para a Pensão Pinheiro. Insista com êle para que volte à noite. Essas e que tais rebentinas são-lhe freqüentes, mas passam. E' agreste. Fruto selvagem, de aparência hispida; descascado, porém, no âmago é um favo. Enfim... Tente. Pode ser.

Fiz como me aconselhou o grande tribuno campineiro e, à noite, Euclides tornou apaziguado, com o rôlo, mas muito reduzido: um capítulo apenas.

Leu-me em voz pausada, monótona, lançando, de vez em vez d'esguelha, um olhar escabriado ao pote. E eu, para não perturbá-lo, privei-me do cigarro enquanto durou a leitura".

Nesse segundo encôntro foram desanuviadas as desconfianças de Euclides, ambos os escritores tornar-se-iam grandes amigos, e disso será prova a correspondência mantida entre os mesmos, da qual vamos trazer à baila, logo mais adiante, apenas aquela carteadada durante o tempo que Coelho Netto esteve em Campinas, ou na qual se faça referência à cidade.

Os originais que Euclides pretendia ler, e que aliás acabou lendo parte, com tôda a certeza seriam os de "Os Sertões", pois sem incidente algum seria a leitura dos manuscritos do grande livro que em Campinas Euclides fizera diante de Campos Novais e outros, recebendo, na ocasião, sugestões, que consta ter agasalhado. A **Pensão Pinheiro**, a que alude César Bierrenbach, e na qual ficou hospedado o autor de "Contrastes e Confrontos", ficava no mesmo local e pertencia ao mesmo dono do atual Hotel Pinheiro.

Como afirmamos não ocorreriam mais embaraços na amizade de ambos os escritores.

Em 10 de setembro de 1903 é para Campinas que Euclides vai endereçar uma carta (resposta) a Coelho Netto, em têrmos corteses, como realmente devem ser aquêles que pedem um voto para a sua candidatura à imortalidade. Euclides era candidato à Academia Brasileira de Letras. Ao abrir a missiva, tem o grande escritor uma imagem poética, quando se refere a Campinas:

"Coelho Netto, o vento sul que aí está destoucando as roseiras de Campinas, sacode, neste momento, as palmeiras imperiais da minha melancólica Lorena..." (36).

Temos impressão que, em quanto permaneceu em Campinas, Coelho Netto deve ter mantido intensa correspondência,

(36). — Carta inserta na obra de Francisco Venâncio Filho, "Euclides da Cunha e seus amigos". Brasiliense. Volume 142, pág. 106. Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1938.

desde que essa era uma forma cordial, e então muito em uso, de **sentir** a presença dos seus inumeráveis amigos e de com êles trocar idéias (37).

Dois meses depois da carta anterior, em 22 de novembro de 1903, é ainda de Lorena, que Euclides volta a cartear com Coelho Netto, prometendo-lhe ir visitá-lo, em Campinas, de passagem, em princípios do mês seguinte, dezembro, quando iria rever o seu pai (38).

Pouco antes de ter Coelho Netto partido em definitivo de Campinas, escreve-lhe Euclides datando a carta de 22 de abril de 1904, do Rio de Janeiro, e termina pedindo-lhe que lo recomende aos bons amigos de Campinas (39). Dois dos **bons** amigos, seriam, com tôda a certeza, César Bierrenbach e Campos Novais.

Já a 7 de agosto de 1904, escrevendo do Guarujá, onde se encontrava com a família, Euclides endereça uma carta naturalmente para o Rio, onde já se achava Coelho Netto, na qual em certo trecho indaga do escritor quando voltaria àquela terra, a qual trazia a ambos tão gratas recordações. Aliás, depreende-se do trecho em questão que alguns aborrecimentos já andavam a amofinar Coelho Netto na capital do país.

Indaga-lhe o autor de “Os Sertões”:

“Quando voltas para Campinas? Afinal, tive razão... Não devias ter deixado a boa cidade provinciana. Vais fazer de filho pródigo, de talento e de ideais — e como o da Bíblia serás recebido com o melhor carinho daquela gente” (40).

A correspondência entre os dois amigos, que se conheceram em Campinas, continuaria assídua e plena de confidências de dois corações, muitas vêzes incompreendidos mas perfeitamente identificados.

*

A VOLTA.

Apesar das palavras de Euclides da Cunha, Coelho Netto não mais voltou a Campinas, para ali permanecer.

(37). — Enquanto morou em Campinas devem ter sido, também, frequentes as suas “escapadas” para São Paulo, onde revia os amigos na redação do *Correio Paulistano* ou no *Café Guarany* (conforme Veiga Miranda, “A Sucessão de Coelho Netto na Academia Brasileira de Letras”, pág. 15). Vide Bibliografia no final deste trabalho.

(38). — Venâncio, *op. cit.*, pág. 111.

(39). — Venâncio, *op. cit.*, pág. 120.

(40). — Venâncio, *op. cit.*, pág. 129.

E sabemos que a sua partida foi a 9 de maio de 1904, para tristeza dos seus amigos e admiradores, do Ginásio de Campinas (atual Colégio Estadual "Culto à Ciência") e do Centro de Ciências, que desde 1901 receberam o calor do seu afeto o brilho de sua inteligência, através de uma inestimável colaboração. O Centro de Ciências fêz-se representar no bota-fora do escritor, tendo a sua Diretoria designado uma Comissão composta dos consócios Angelo Simões, Vieira Bueno e Amálio da Silva, que o acompanharam até a estação da Paulista (41).

Segundo informação, que muito mais tarde prestaria à Congregação do Ginásio Nacional, exercera a cadeira de Literatura no Ginásio de Campinas até 17 de abril de 1904.

No Rio, Coelho Netto deve ter sentido doces recordações de sua permanência em Campinas, mesmo porque o período que vai de 1904 a 1907 foi extremamente amargo para o romancista, como êle próprio o narra. Mais tarde, em 1921, no ensejo da edição de "A Pastoral", o escritor, na sua **Introdução** haveria de ter as seguintes palavras para com Campinas:

"Terra de heroísmo tradicional que, no dilúculo da História, fôste acampamento, roça e cenário trágico de bandeirantes; centro de cativo férreo, que te transformaste em núcleo da Liberdade, lançando de ti, em irradiação, os mais ardentes apóstolos da Abolição e da República; bêmço do que interpretou as vozes da natureza primitiva, as pocemas das tribos e os cantos dos aventureiros ávidos, compondo a grande e alta melodia que é, a bem dizer, o hino artístico do Brasil, inspirado no romance onde se chocam o coração de bronze do selvagem e o coração meigo da donzela de cabelos de ouro, fundindo-se no amor que os leva, perdidamente sôbre as águas: Campinas, cidade formosa e amena, onde colhi um trevo de ventura do qual me tomaste uma das fôlhas, que pena eu tenho de não poder gravar em estrofes perenes todo o bem que te devo e a grande saudade que de ti conservo no mais íntimo do coração!" (42).

Não mais haveria de esquecer-se da terra e da gente campineira, das suas instituições, que ajudara a fundar e com as quais colaborou. Com o Centro de Ciências, manteve permanen-

(41). — Conforme designação da Diretoria do Centro, na reunião de 7 de maio de 1904, que foi a 108a., cuja Ata está inserta em o número 10 da Revista do Centro, à página 90.

(42). — Este trecho, que se refere às palavras finais da **Introdução** do livro "Pastoral", edição de 1921, está vazado em estilo bem coelhonetino e adjetivo, entretanto, muito deve ter encantado aos campineiros de antanho, pôsto que o escritor se refere à participação de Campinas na história do Brasil, e à música de Carlos Gomes. Ao se referir ao trevo, do qual perdeu uma das fôlhas, está, naturalmente, fazendo alusão ao filho que perdeu.

te contacto. Continuou a doar à biblioteca do Centro, como o fizera desde a sua fundação, as suas obras, que iam saindo em ritmo acelerado, e que até hoje são ali conservadas carinhosamente, encerrando dedicatórias honrosas para a **Casa de César Bierrerbach**. Aliás, por essas doações chegou Coelho Netto a ser eleito unânimemente Sócio Benemérito, sendo, na ordem cronológica, o primeiro dessa categoria. Essa eleição se deu na 82.ª sessão ordinária do Centro, realizada a 18 de junho de 1903.

E' inegável que sempre teve vontade de rever Campinas. Ainda em 1914, em meio de uma barafunda de trabalhos, planos e compromissos, tanto literários, quanto políticos, como êle próprio confessa, escreve a Rafael Duarte:

“Não me falta desêjo de visitar Campinas, senão em pessoa, para gozar o carinho dos meus amigos, pelo menos em espirito, para demonstrar-lhes que os não esqueço” (43).

Nesse mesmo ano, prometia enviar, em breve, colaboração para a Revista do Centro, da qual fôra o primeiro Redator, mas parece que não chegou a cumprir a promessa (44).

O Centro de Ciências, por sua vez, continuou sempre a considerar e estimar Coelho Netto como seu **sócio**, agora apenas distante e figurando numa categoria mais honrosa e elevada.

E disso é prova a correspondência trocada entre a Diretoria do Centro e o escritor, que passa a representar a entidade de Campinas em diferentes ocasiões, no Rio. Assim o foi nos funerais do Barão do Rio Branco, e nas grandes festas, que se promoveram em homenagem a Rui, quando do seu apoteótico regresso da Europa, onde representara o Brasil na célebre Conferência de Haia (45).

(43). — Carta datada do Rio de Janeiro, de 19 de dezembro de 1914, publicada em o número 37 da Revista do Centro.

Coelho Netto e D. Gabi estiveram em Campinas na primeira quinzena do mês de maio de 1924, quando ficaram hospedados em casa de seu amigo e compadre Castro Mendes. Reviu, então, os velhos amigos, que ali deixara há vinte anos. Nessa ocasião o escritor proferiu brilhante conferência no Clube Semanal de Cultura Artística sobre o abraço do branco e do índio, do qual se originou o mamaluco. Entre os grandes amigos, que deixara em Campinas, destacavam-se Castro Mendes e Rafael Duarte. Com ambos muito carteceu, sendo que as suas cartas para o primeiro dêles, são carinhosamente conservadas pelo sr. Cleo de Castro Mendes, e as que dirigiu ao segundo, também o são pelo dr. Milton Duarte Segurado, zeloso guardião do Arquivo do autor de “Campinas de outrora”.

(44). — Conforme referência in “Revista do Centro”, n.º 37, à página 73.

(45). — Conforme referências na Ata da 403.ª reunião do Centro, inserta na “Revista” de n.º 37, à página 68.

Tendo começado como sócio-fundador do Centro de Ciências, Coelho Netto passou mais tarde, pelas categorias de Benemérito e Correspondente de Honra (46).

O que resta agora ao Centro, e o endereçamos como uma sugestão, é fazer inaugurar em seu salão nobre um retrato do autor de "A Conquista", que realmente, por tantos títulos e motivos, merece figurar na galeria de benfeitores daquela Casa, da qual êle não apenas foi um dos grandes inspiradores na fundação, quanto prestimoso colaborador, enquanto residiu em Campinas, integrado em aquêl extraordinário movimento cultural, do qual êle próprio era uma das principais causas.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

Professor de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia de Marília. Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

*

* *

FONTES CONSULTADAS.

Na Bibliografia que se segue estão arrolados livros e publicações. os quais não foram citados, ou o foram sumariamente, nas Notas in rodapé.

Além dessas fontes, servimo-nos, também, dos depoimentos pessoais dos senhores Cleso de Castro Mendes, Norberto de Sousa Pinto e Paulo Coelho Netto, a cuja gentileza, aproveitamos o ensejo para agradecer.

Jornais, publicações periódicas e revistas.

- 1) Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas — 1912. Organizado por Benedicto Octavio e Vicente Melillo. Tipografia Casa Mascote, Campinas, 1911.
- 2) Almanaque "A Cidade de Campinas em 1901". Organizado por Leopoldo Amaral. Editado pela Casa Livro Azul, Campinas, 1900.
- 3) Coleção completa da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. (Arquivo do Centro).
- 4) Coleções de jornais antigos de Campinas, no período de 1899 a 1905, conservados nos arquivos do Centro de Ciências e da Associação Campineira de Imprensa.

Artigos.

LAPA (José Roberto do Amaral). — "A Saudosa Revista do Centro de Ciências de Campinas" in "O Estado de São Paulo", edição de 13-VII-1952.

(46). — Na 217a. sessão do Centro, a 4 de janeiro de 1908, foi lido um officio, no qual o escritor agradecia a sua eleição para a categoria de Sócio-Correspondente de Honra.

- LÓBO (Pelágio Álvares). — “O Centro de Ciências no quinquagésimo aniversário da sua fundação” in Revista do Centro de Ciências de Campinas, n.º 58. Campinas, dezembro de 1953.
- PAULA (Carlos Francisco de). — “Monografia Histórica do Centro de Ciências de Campinas” in Revista do Centro de Ciências, n.º 58. (Especialmente dedicado ao Cinquentenário do Centro). Campinas, dezembro de 1953.
- SEGURADO (Milton). — “Raphael Duarte Íntimo” in Revista do Centro de Ciências de Campinas, n.º 64, 1959.

Obras.

- AMARAL (Leopoldo). — “Campinas, recordações”. Secção de Obras d’“O Estado de São Paulo”. São Paulo, 1927.
- COELHO NETTO (Paulo). — “Coelho Netto”, Zelio Valverde Editor. Rio de Janeiro, 1942.
- COELHO NETTO (Paulo). — “Bibliografia de Coelho Netto”, Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1956.
- COELHO NETTO (Paulo). — “Relicário”, Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1957.
- COELHO NETTO (Paulo). — “Imagem de uma vida”, Editor Borsoi. Rio de Janeiro, 1957.
- DAUNT (Ricardo Gumbleton). — “Diário da Princesa Isabel” (Excursão dos Condes D’Eu à Província de São Paulo em 1884). Editôra Anhembi Ltda. São Paulo, 1957.
- DUARTE (Raphael). — “Campinas de Outrora”. (Coisa do meu tempo, por Agrício). Tipografia Andrade & Mello. São Paulo, 1905.
- FARIA (Otávio de). — “Coelho Netto” in “A Literatura no Brasil”, II volume. Rio de Janeiro, 1955.
- FÁRIA (Otávio de). — “Coelho Netto”, coleção Nossos Clássicos. Volume 15. Livraria Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1958.
- MIRANDA (Veiga). — “A sucessão de Coelho Netto na Academia Brasileira de Letras”. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. São Paulo, 1935.
- MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS — Serviço Gráfico do I.B.G.E. Rio de Janeiro, 1952 (diversos autores).
- MOREYRA (Manuel). — “Coelho Netto, aspectos da sua vida e sua obra”. Elvio Pocai editor. São Paulo, 1940.
- OCTAVIO (Benedicto). — “Campinas, apontamentos históricos e estatísticos”. Tipografia da Casa Mascotte. Campinas, 1909.
- OCTAVIO (Benedicto). — “Campinas Antiga” — As festas de 1846. Tipografia à vapor Livro Azul. A. B. de Castro Mendes. Campinas, 1905.

- PAULA (Carlos Francisco de). — “Monografia Histórica do Colégio Estadual Culto à Ciência”. Campinas, 1946.
- PONTES (Eloy). — “A vida exuberante de Olavo Bilac”. Edição Ilustrada, 2 volumes. Livraria José Olímpio Editôra. Rio de Janeiro, 1944.
- QUEIROZ (Vitalina Pompêo de Sousa). — “Reminiscências de Campinas”. Campinas, 1951.
- ROMERO (Silvio). — “História da Literatura Brasileira” — Tomo V (Diversas Manifestações na Prosa — Reações Anti-Românticas na Poesia), 3a. edição aumentada, organizada e prefaciada por Nelson Romero. Livraria José Olímpio Editôra. Rio de Janeiro, 1943.